

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO
DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ilma Brito Bonifácio

**ADOLESCÊNCIA E PROJETOS DE FUTURO:
possibilidades escolares na escuta e orientação de estudantes**

BELO HORIZONTE
2019

Ilma Brito Bonifácio

**ADOLESCÊNCIA E PROJETOS DE FUTURO:
possibilidades escolares na escuta e orientação de estudantes**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Orientadora: Juliana Batista dos Reis

Belo Horizonte
2019

B715a Bonifácio, Ilma Brito, 1972-
Adolescência e projetos de futuro [manuscrito] : possibilidades
escolares na escuta e orientação de estudantes / Ilma Brito Bonifácio. -
Belo Horizonte, 2019.
32 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Juliana Batista dos Reis

1. Educação. 2. Educação de adolescentes. 3. Planejamento
educacional. 4. Sociologia educacional. 5. Interesse profissional. 6.
Ensino fundamental.

I. Título. II. Reis, Juliana Batista dos. III. Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19

Catlogação na Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO VIGÉSIMO QUARTO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, SUJEITOS E PRÁTICA NO COTIDIANO
ESCOLAR

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “- **Adolescência e projetos de futuro: possibilidades escolares na escuta e orientação de estudantes**”, do(a) aluno(a) **Ilma Brito Bonifácio**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Juliana Batista dos Reis (orientador) e Symaira Poliana Nonato. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 94, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Ilma Brito Bonifácio Registro na UFMG: 2018749360
Ilma Brito Bonifácio

Juliana B. Reis
Juliana Batista dos Reis
Professor(a) Orientador(a)

Symaira Nonato
Symaira Nonato
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha

AGRADECIMENTOS

A Deus por sua infinita misericórdia e amor sem igual.

À minha guerreira mamãe Ana, e minhas amadas irmãs Ildineia, Ana Paula e Laislane, por acreditarem em mim, mesmo quando eu não mais acreditava, me incentivando a sempre seguir em frente.

Aos meus sogros Airton e Maria das Dores que nas minhas ausências sempre se dispuseram a fazer companhia a minha filha e assim me dando tranquilidade para estudar.

Às minhas colegas de trabalho Ana e Sirleny, pelo apoio.

Aos adolescentes envolvidos nesta pesquisa, que me deram material necessário para desenvolver este plano de ação.

Aos colegas da coordenação pedagógica que se transformaram em amigos, e por compartilhar conhecimentos e aprendizagem não só no sábado do LASEB, mas durante toda esta trajetória.

À minha orientadora Juliana, pela paciência, pelas palavras confortadoras quando o total desespero me levava a pensar em desistir.

Ao meu marido Lincoln, pelo apoio incondicional, não só neste curso, mas em toda a nossa vida juntos, meu muito obrigado.

À minha maravilhosa filha Amanda que não só me apoiou como também leu todos os meus trabalhos e me incentivou em tudo, a você minha vida. Te amo.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo obter informações sobre os/as adolescentes e seus projetos para o futuro. A pesquisa e plano de ação buscaram compreender as projeções de futuro de adolescentes sobre a vida profissional, familiar e seus desejos. Os sujeitos participantes têm entre 14 e 15 anos e são estudantes do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Belo Horizonte. Alguns questionamentos orientaram a pesquisa, afinal, estes/as adolescentes pensam e planejam sobre o futuro? A escola é espaço de escuta e reflexão sobre os projetos de futuro de estudantes? Em que espaços sociais os/as adolescentes têm a possibilidade de refletirem sobre si mesmos? Como profissional da educação, posso contribuir para potencializar a reflexão e planejamento de adolescentes e estudantes na instituição escolar? Esta pesquisa foi também desenvolvida como um plano de ação. A coleta de dados e intervenção teve como instrumento a realização de uma roda de conversas em que os/as adolescentes puderam expor suas ideias e suas expectativas sobre o futuro, suas emoções, dúvidas e incertezas. Conclui-se que a adolescência é uma fase de intensas transformações e mudanças comportamentais, corporais e psicológicas, contudo, os/as adolescentes são sujeitos reflexivos e pensantes, condição que a escola nem sempre está atenta. A roda de conversa revelou que os sujeitos pensam e planejam sobre o futuro, mesmo com todas as intempéries que vivenciam. Assim, a escola poderia ser espaço para potencializar as reflexões e planejamentos desses sujeitos.

Palavras - Chaves: Adolescência; Projetos de Futuro; Escola.

ABSTRACT

The present work had the aim of gathering information about the future projects of adolescents in school age. The survey and plan of action intended to understand the future projections of adolescents regarding their professional lives, familiar lives and their desires. The subjects of the survey have 14-15 years of age and students of the ninth grade of a public school in Belo Horizonte. Some questions guided the survey regarding what these adolescents think and plan for their future. Is the school a listening and reflection space about future projects? In what social environment has the youth the chance to inquire themselves? Can I, as an education professional help to potentialize self-reflection and planning of student youth at school? This survey was developed also as an action plan. The data gathering and intervention took place in a classroom conversation circle during which the adolescents were able to expose their ideas and their expectations about the future, their emotions, doubts and uncertainties. It is possible that the youth is a period of intense transformations and behavioral changes, besides psychological changes and changes in their bodies. However, adolescents are reflective and thinking beings, condition which schools are not always aware of. The conversation circle revealed that these students think and plan the future even under hardships. Thus, the school environment may be a space to push for reflections and personal planning of each student.

Keywords: adoslescents; youth; future projects; school.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA E PROJETOS DE FUTURO.....	12
3. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	16
4. INSTRUMENTO METODOLÓGICO: A RODA DE CONVERSA.....	18
5. REFLEXÕES E ANÁLISES A PARTIR DA RODA DE CONVERSA.....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
ANEXOS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo obter informações e compreender reflexões sobre os/as adolescentes e seus projetos para o futuro. A intenção consistiu em captar suas análises sobre o mundo e suas projeções para o futuro profissional, a realização de viagens, a constituição de família, bem como escutar questões que norteiam o universo adolescente. Para isso, a pesquisa e plano de ação envolveram estudantes com idades entre 14 e 15 anos de ambos os sexos, que estavam cursando o nono ano do ensino fundamental em uma escola pública municipal de Belo Horizonte.

Sempre amei estudar, e as várias dificuldades apresentadas a mim ao longo da vida só fizeram este amor aumentar. Há muito tempo, mesmo antes do meu começo no funcionalismo público em escola, já me encantava com o mundo dos adolescentes, este mundo particular, de altos e baixos, com muitas questões, dúvidas e às vezes, com outras tantas certezas.

Passei por esta etapa da minha vida sem ter quem me ouvisse. Meus pais com um modo de ver a vida bem peculiar à criação que tiveram, não tinham muito a oferecer na parte pedagógica, minhas principais obrigações eram ajudar em casa e cuidar de minhas irmãs. Sou a primogênita de uma família de cinco moças, agora infelizmente quatro, após a morte prematura de uma das minhas irmãs. Sou de uma família humilde financeiramente, meus pais com pouco estudo, priorizavam a alimentação e o teto sobre nossas cabeças. Sou capixaba de nascença e mineira de coração, e é aqui que estou conseguindo escrever minha história e realizar meus sonhos.

Em minha trajetória de escolarização, demorei a tomar algumas decisões que hoje vejo que foram cruciais em minha trajetória. Talvez, com algum auxílio na adolescência e juventude, minhas atitudes e escolhas seriam diferentes (ou não), mas eu teria outras opções. Nesse sentido, a inserção no LASEB potencializou meu olhar sobre minha trajetória de vida e ao mesmo tempo, me instigou no desenvolvimento de uma pesquisa e plano de ação que envolvesse estudantes/adolescentes da escola em que atuo como profissional da educação.

Vejo nos/nas adolescentes um potencial imenso para grandes realizações, e queria ouvi-los, pois sei que eles teriam muito a dizer. Entendo que:

Eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se: pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida. Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmo e da sociedade. (DAYRELL, 2007, p.1109).

O nosso objetivo com esta pesquisa foi ouvir o que os/as adolescentes da escola onde trabalho tinham a dizer sobre o futuro que pretendem ter, se pensam e planejam o futuro. Estava interessada em ouvir não apenas sobre carreira profissional e escolar, mas também sobre casamento, filhos, se pensam em viagens, como refletem sobre o país onde vivem.

Neste propósito, inicialmente, me referenciei no que diz Flick (2009) sobre o uso de grupos focais nas pesquisas, já que estava interessada na interação entre um grupo de adolescentes do nono ano do Ensino Fundamental que se conhecem e têm um convívio até fora do ambiente escolar. Flick afirma que “os grupos focais podem ser usados para perguntas interessadas na interação de uma quantidade de pessoas em relação a uma questão” (FLICK, 2009, p.114). Contudo, essa indicação metodológica inicial, me inspirou a realizar uma roda de conversa com estudantes adolescentes no interior da escola. Desse modo, entendo que os propósitos desse Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica foram alcançados já que a roda de conversa foi ao mesmo tempo um instrumento de pesquisa e um plano de ação desenvolvido na escola.

Minha intervenção consistiu em realizar uma roda de conversas, envolvendo oito alunos/as na faixa de idade de 14 a 15 anos, de ambos os sexos, cursando o nono ano do ensino fundamental. Como dito, desejava com esta conversa que eles/as expressassem como planejam seu futuro, se é que planejam. Ao mesmo tempo, como educadora, gostaria com a atividade mostrá-los/las que não estão sozinhos/as. A roda de conversa foi construída como espaço de reflexão também das incertezas de adolescentes diante da minha compreensão que a adolescência pode ser um momento de dúvidas e, sentimentos controversos. Portanto, a roda de conversa foi uma proposta pedagógica que tinha como intenção deixar os sujeitos

livres para demonstrar suas convicções e certezas, mas também seus medos, dúvidas, objeções. A roda viabilizou o desenvolvimento de argumentos dos/as adolescentes sobre os projetos de futuro, mas, outros temas surgiram ao longo da conversa.

Como o universo destes/as jovens me fascina escrevi um pequeno texto para demonstrar o quanto me importo com os/as adolescentes da escola. Este texto foi entregue a cada um/a dos/as participantes ao final da roda, como uma forma de agradecimento. Compartilho também nessa introdução meu texto em homenagem aos/às adolescentes:

ATRAVÉS DA MINHA JANELA

Acordo todos os dias bem cedo e vou ao encontro deles, seres lindos, vibrantes, às vezes birrentos, briguentos, mas lindos. Passamos juntos todas as manhãs e não me imagino mais sem eles. Vejo-os passando pela minha janela, alguns mais extrovertidos que me dão bom dia numa animação só, conversam através da minha janela, outros mais tímidos que apenas acenam com a cabeça, através da minha janela.

Observo-os no recreio, através da minha janela, cada grupo formado com seus iguais, alguns formados com seus diferentes, como são dinâmicos e divertidos com suas risadas altas! Me reconheço em alguns, me emociono com outros e compadeço com outros ainda. Eles chegam na minha janela, pedindo declarações, entregando atestados, perguntando preocupados sobre suas faltas. E em várias situações apenas chegam na minha janela, apenas para apertar minha mão, ou falar de algo ocorrido no final de semana.

Me sinto feliz quando se formam, depois quando voltam na minha janela para buscar seus históricos escolares, me falam onde estão agora, o que estão achando da nova escola, me sinto feliz porque de alguma forma fiz parte de suas vidas, quem sabe em algum momento se lembrarão de mim, aquela que os via através da janela.

Eu os conheci através da minha janela, os acompanhei através da minha janela, os vi crescer através da minha janela e sempre que possível os abraçarei além da minha janela.

Este texto foi realmente inspirado nos/as adolescentes da escola onde trabalho. Como secretária escolar, minha mesa fica embaixo de uma janela estrategicamente voltada para o pátio. É neste lugar que atendo alunos/as, professoras/es, pais, mães e transmito informações pelo telefone, e-mails. De alguma maneira, durante oito horas do meu dia estou em contato com os/as adolescentes. Os/as observo todos os dias, alunos/as indo e vindo, brincando, conversando, interagindo e às vezes até brigando. Apesar de não fazer parte do meu plano de trabalho na secretaria, tais observações, principalmente dos/as alunos dos/as anos finais me inquietam. A inquietação me levou a algumas perguntas que se tornaram questões de pesquisa: estes/as adolescentes pensam no futuro? Planejam algo? A partir desses questionamentos este trabalho foi desenvolvido.

Além desse primeiro capítulo introdutório, o texto apresenta no Capítulo 2 algumas reflexões sobre adolescência e projeto de futuro. Em seguida, apresento uma breve caracterização da escola. No Capítulo 4, a roda de conversa – instrumento de pesquisa e de intervenção – é apresentada como recurso metodológico. O capítulo seguinte apresenta reflexões e análises a partir da roda de conversa. Por fim, são apresentadas considerações finais sobre o desenvolvimento desse trabalho.

2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA E PROJETOS DE FUTURO

Somos seres que estamos em constante metamorfose, nada impede que tenhamos uma linha de largada da vida com mudanças e desvios. Com isso, não ignoro que as condições socioeconômicas, territoriais, as identidades de gênero e raça não interfiram em nossa constituição, mas nós, como sujeitos, temos também possibilidades de interpretar e construir nossas histórias pessoais.

Esta pesquisa volta seu olhar para estudantes adolescentes da escola pública municipal onde trabalho¹. Logo de início, comecei a problematizar: estes/as adolescentes pensam sobre o futuro? Eles/as planejam suas vidas? Há alguém que os escuta? Se sim, a escola, as mães e pais, os/as amigos, os/as *youtubers*? Como profissional da educação, o que posso fazer para ajudá-los/as nessa fase de vida tão distinta e complexa?

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069 de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 (doze) a 18 (dezoito) anos de idade (artigo 2º). Já o Estatuto da Juventude, lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Portanto, já que os sujeitos dessa pesquisa/plano de ação têm entre 14 e 15 anos, optei por nomeá-los/las como adolescentes.

Em diferentes campos de estudos, na educação, antropologia, sociologia, psicologia, encontramos trabalhos, artigos, dissertações, teses, relacionados ao mundo dos/as adolescentes e dos/as jovens. Blos (1998) desenvolve uma reflexão da adolescência a partir da psicanálise, dividindo esse momento da vida em quatro subfases. Já Levisky (1995) vê a adolescência como uma fase onde ocorre um desenvolvimento evolutivo e biológico considerando as condições ambientais e histórias pessoais. Nas pesquisas que realizei buscando referências sobre a discussão da adolescência, levando em conta que os sujeitos da minha pesquisa têm entre quatorze a quinze anos, encontrei uma variedade de estudos no campo da

¹ A escola será apresentada no capítulo seguinte.

psicologia que tratam esses sujeitos a partir da temática da gravidez na adolescência (PANTOJA, 2003; GODINHO, 2000; DADOORIAN, 2003). Outros estudos relatam as experiências escolares de adolescentes no ensino médio e de jovens no ensino superior. Percebi certa ausência de trabalhos que lidam com este público adolescente entre quatorze e quinze anos e seus projetos de futuro, principalmente com o recorte do Ensino Fundamental.

De acordo com Erickson (1971), mesmo colocando em seus relatos as dificuldades das escolhas vocacionais na adolescência, o autor presumiu que a adolescência é o período certo para esta definição. Porém Steingberg e Morris (2001) se posicionam diferente a esta suposição, após revisarem algumas literaturas, concluíram que estas escolhas poderiam ser decididas mais tarde. Van Calster, Lens e Nuttin (1987) afirmam que os adolescentes têm mais motivação para estudar, quando entendem que para atingirem o sucesso a escolarização é de extrema importância. Por outro lado, a realidade educacional é tão complexa e desigual que já não garante ascensão social via escolarização e os jovens refletem sobre isso.

A coletânea Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador (2014) apresenta vários textos sobre as múltiplas condições da juventude. Em um dos cadernos, as autoras Sara Vilas e Symaira Nonato (2014) refletem sobre juventude e projetos de futuro, tema do meu projeto. Nessa leitura me deparei novamente com a minha história de vida e meus projetos para o futuro diante da reflexão: “Os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente”. (VELHO, 2003 apud VILLAS; NONATO, 2014. p. 18).

Mudei os meus projetos aos 42 anos de idade, mas nada me impediu de começar a pensar no meu futuro na adolescência. Aos quatorze anos sonhava em ser médica, e quando falava disso para os meus pais ou parentes, os mesmos diziam que era para eu parar de sonhar, pois éramos pobres e faculdade não deveria estar nos meus planos. Meus interlocutores diziam que eu tinha que pensar apenas em terminar o ensino médio e arrumar um emprego, para ajudar nas despesas de casa. E foi isto que fiz, “terminei os estudos” que no meu entender naquela época, o chamado “2º grau” era o mais longe que chegaria. Então aos

quarenta e dois anos decidi fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e tentar alcançar pontos suficientes para me formar em Pedagogia, curso que concluí no ano de 2012. Continuo caminhando para prosseguir meus projetos para o futuro, a formação no LASEB indica esse desenvolvimento de planos pessoais e de futuro.

Olhando para minhas experiências e dos/as adolescentes percebo que cada um vive sua realidade e em um campo de possibilidades que não é igual. Assim, cada adolescente vai traçando seus projetos de futuro, mais ou menos organizados, englobados nas possibilidades colocadas em sua frente. Dessa forma, compreendo que o projeto de futuro é:

Uma ação do indivíduo de escolher um, dentre os futuros possíveis, transformado os desejos e as fantasias que lhe dão substâncias em objetivos passíveis de serem perseguidos, representado, assim, uma orientação, um rumo de vida. (DAYRELL; LEÃO; REIS, 2010, p.67)

Na medida em que a adolescência é um momento da vida em que os sujeitos buscam afirmações em grupos de pares, experimentam gostos e modos de ser, a identidade é outro conceito importante para o entendimento das especificidades adolescentes.

(...) a identidade é uma construção que cada um de nós vai fazendo por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros, a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais, de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo. (GOMES; DAYRELL, 2004, p.10)

A própria escola é um espaço de socialização em que os/as adolescentes deixam suas marcas identitárias. É possível perceber isso nas roupas, adereços, calçados, bonés, cabelos, ou seja, em certo estilo adolescente e juvenil que tantas vezes a escola não só ignora como reprime. A escola também poderia ser um espaço potente para reflexão das identidades, gostos e projetos de estudantes. Entendo que a adolescência:

aparece como a “fase biográfica de preparação” para a vida adulta. Nesse sentido, o presente não é somente uma ponte entre passado e futuro, mas um tempo de preparação para esse futuro. É nesse processo, permeado por descobertas, experimentações, emoções e conflitos, que os jovens se

questionam: “Quem sou eu?”, “Para onde vou?”, “Qual rumo devo dar na minha vida?” (VILLAS; NOTATO, 2014, p. 17).

Diante disso, a instituição escolar deveria ter um compromisso por favorecer em suas práticas pedagógicas, espaços, ações e dinâmicas que privilegiem o debate sobre os projetos de futuro de seus/suas estudantes e as possibilidades de alcançá-los. Nem sempre outros espaços de socialização como a família serão oportunos para essa possibilidade. Sendo assim, essa pesquisa e plano de ação privilegiaram o desenvolvimento de uma metodologia de investigação, mas, ao mesmo tempo pedagógica que será posteriormente apresentada.

3. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Trabalho hoje na Escola Municipal Professor Andrade da Gerência de Educação de Ensino Fundamental (1º ao 9º ano). Segue um breve relato de sua história. No ano de 1986, de acordo com o ato de criação, depois de muitas lutas das associações comunitárias dos bairros Leblon, Paraúna, Vila Santa Branca e Jardim Florença, nasceu a Escola Municipal Professor Andrade localizada na Regional Venda Nova, na cidade de Belo Horizonte.

O início do ano letivo de 1986 aconteceu no prédio onde hoje funciona outra escola. O prédio atual estava em construção. No dia 28 de outubro do mesmo ano, finalmente, foi inaugurada a escola, com uma grande festa, com a presença do prefeito do Município de Belo Horizonte na época, Sérgio Ferrara. Também estiveram presentes à cerimônia de inauguração, os familiares do homenageado que deu nome à escola.

A primeira diretora nomeada para dirigir a escola se aposentou em 1988 e partir de 1989 todos que ocuparam o cargo de diretor/a foram eleitos pela comunidade escolar. A escola funcionava em apenas dois turnos na época, 12 turmas em cada turno. Em 1992, começou o funcionamento do noturno com duas turmas de suplência, com o objetivo de atender os adultos.

Em 1995 houve a implantação da escola plural com três turnos ciclos de formação. Iniciou com os alunos; ou seja, a escola passou a funcionar de 5ª a 8ª séries com a implantação do 3º ciclo gradativamente.

Daí por diante, a demanda foi crescendo cada vez mais e surgiu a necessidade de ampliar o espaço físico com construção das dependências já existentes. A escola passou a funcionar com 18 turmas em cada turno, inclusive o noturno. Em 2011 funcionavam quatro turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A escola está hoje com mil e sessenta e dois alunos (1.062), organizados em três turnos, com dezoito turmas no primeiro turno, dezoito salas no segundo turno e duas salas no terceiro turno. Temos quinhentos e trinta e três alunos (533) de 5º ao 9º ano, no primeiro turno, quatrocentos e sessenta e um (461) alunos de 1º ao 4º

ano no segundo turno e sessenta e oito (68) alunos no Ensino de Jovens e Adultos no terceiro turno.

A procura e rotatividade de alunos/as é intensa devido à localização da escola que faz divisa com diversos bairros, inclusive com outra cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, Ribeirão das Neves. A escola conta com trinta e quatro professores/as (34) pela manhã, sendo quatro em readaptação (são professores que por vários motivos, principalmente relacionados à doença, não estão em sala de aula, sendo realocados em algum setor da escola); três coordenadores e um coordenador geral; são vinte e oito (28) professoras/es à tarde, sendo dois coordenadores e a noite são três (3) professores sendo um coordenador e um Técnico Superior de Ensino (TSE) que hoje é um cargo extinto. E mais cinquenta e oito (58) funcionários, em vários setores da escola. A escola conta com programas de Escola Integrada, Escola Aberta e Almoço para Todos. Os/as alunos/as não têm áreas de lazer nos bairros, contam apenas com o campo do bairro Lagoa, por isto estes programas servem como auxílio às famílias para que as crianças e adolescentes possam ter um local seguro para se divertirem e se socializarem. Assim, a escola é um importante equipamento público da região, sendo reconhecida por toda comunidade.

4. INSTRUMENTO METODOLÓGICO: A RODA DE CONVERSA

Inicialmente, pensamos no grupo focal como recurso para desenvolvimento da pesquisa. Esta abordagem qualitativa é possibilidade investigativa em busca da compreensão dos sentidos que um grupo específico atribui à determinada temática. Os grupos focais podem ser usados para o estudo de temas delicados e nas últimas décadas, os grupos focais têm ganhado mais destaque, de acordo com Flick (2009). Porém, os grupos focais demandam uma série de técnicas em que além do mediador, há observadores que acompanham aspectos corporais dos participantes. Sendo assim, preferimos desenvolver o que chamamos de roda de conversa.

As rodas de conversa são um recurso usado inclusive pelos/as próprios adolescentes e jovens, como nas ocupações de secundaristas em 2016. Geralmente, um tema é compartilhado e as pessoas sentadas em círculo têm a possibilidade de expressar suas opiniões e ouvir outras. As rodas de conversa podem ser elaboradas como recurso educativo e pedagógico como a própria coletânea Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador (2014) propõe. Inspirada nessas ideias, a roda de conversa foi ao mesmo tempo possibilidade de apreensão dos projetos de futuro de adolescentes e recurso pedagógico que a escola pode incorporar em suas práticas educativas.

Várias foram as minhas preocupações, para a realização desta intervenção. A primeira era conseguir os/as alunos/as para realizar a ação. Mas quando fui procurá-los/as, grata foi minha surpresa que muitos deles/as se ofereceram para participar, fazendo até um pequeno tumulto em minha janela.

A segunda preocupação era se os pais iriam assinar as autorizações prévias de uso de imagem e voz, sem nem me conhecerem direito, pois não sou professora dos/as seus/suas filhos/as, mas, uma Assistente Administrativa Educacional. Convidei e selecionei dez estudantes do nono ano e entreguei as cartas que necessitavam das autorizações e assinaturas dos/as responsáveis. Mais uma surpresa, todos/as eles/as assinaram sem questionar sobre o que se tratava efetivamente esta pesquisa/intervenção.

A terceira preocupação seria se os/as adolescentes compareceriam à escola na data combinada para a realização da roda de conversa, afinal nosso encontro aconteceria em uma véspera de feriado da páscoa. Então, com todo amor do mundo, no dia anterior da intervenção, fui de sala em sala pedindo licença aos/às professores/as, e conversei ao pé de ouvido de cada um/a, e falei o quanto eu achava importante esta atividade para eles/as naquele momento de suas vidas.

A quarta preocupação era comunicar aos/às professores/as que estariam dando a aula no dia e horário que marquei a realização da roda, pois os/as alunos/as eram de três turmas diferentes, e eu precisaria da liberação. Conversei antecipadamente com os/as professores que foram muito gentis em liberá-los.

Porém, ainda estava faltando a confirmação do local, pois a minha intenção era usar o auditório da escola, mas infelizmente, justamente no dia da realização da roda, o auditório estaria sendo usado pelos/as alunos/as da Escola Integrada. Então tive que improvisar a atividade em uma sala de aula vaga. Nunca mais vou esquecer a maravilhosa sala doze.

E minha última preocupação, talvez a mais importante era se eles/as falariam. Afinal de contas, o desenvolvimento de uma atividade de pesquisa e educativa demanda a participação dos/as interlocutores/as. Contudo, os/as adolescentes falaram, se manifestaram, responderam aos questionamentos feitos, interagiram de forma que me impressionou.

A roda de conversa foi realizada no dia dezoito de abril de 2019, durante uma hora, entre 10h20 e 11h20, o último horário de aula. Participaram oito adolescentes estudantes da manhã do nono ano do Ensino Fundamental da escola. Com a finalidade de registro para posterior análise, a atividade foi gravada e filmada.

Como o intuito da pesquisa era ouvir o que os/as adolescentes tinham a dizer sobre os seus projetos de futuro e sua visão global do mundo, a roda de conversa possibilitou uma oportunidade de diálogo, um momento de partilha, onde a escuta e a fala foram o principal exercício. Entendo como Warschauer (2002, p. 47) que a roda de conversa “é uma construção própria de cada grupo, [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador”.

A sala foi preparada com as cadeiras em posição de roda, para que houvesse uma interação entre os participantes. Além disso, expus cartazes com frases e provocações sobre os projetos de futuro como forma de já acolher os/as adolescentes a partir da temática proposta na roda. As imagens estão disponíveis no anexo desse trabalho. Além disso, distribuí na sala vários objetos, como forma de inspirar o debate sobre projetos e planos e para que houvesse mais interatividade na conversa. Os objetos foram: uma fantasia de farda militar, um véu de noiva, uma chave de carro, uma carteira de trabalho, um passaporte e uma roupinha de bebê.

Para alcançar melhor as metas propostas pela pesquisa, ou seja, abordar não apenas os projetos profissionais, mas, os planos afetivos, de viagens, etc., os subtemas foram lançados no decorrer dos diálogos e interações, já que o diálogo é do grupo e não da pesquisadora/educadora, como explica Freire e Shor (1987, p. 127):

O diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer... Para alcançar os objetivos de transformação, o diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos.

No começo da conversa os/as adolescentes estavam um pouco receosos, mas no decorrer dos primeiros minutos, com minha mediação, percebi que eles/as foram se sentindo seguros/as e mesmo com a câmera, os diálogos foram se construindo aos poucos e ficando mais intensos. Avalio a atividade de pesquisa e intervenção como muito produtiva. Os temas e questionamentos foram respondidos de maneira bem descontraída e houve realmente interação, interlocução, ou seja, diálogo.

5. REFLEXÕES E ANÁLISES A PARTIR DA RODA DE CONVERSA

Para um reconhecimento individual dos/as adolescentes que participaram desta pesquisa, reuni dados sobre a caracterização de cada sujeito a partir de algumas perguntas sobre a identidade racial, idade, com que moram, a escolaridade e profissão do pai e da mãe e o local de moradia. Os/as adolescentes escolheram os seus codinomes, uns atribuíram às profissões que almejam, outros nas características físicas. De acordo com as respostas dadas construí essa tabela:

Tabela 1 - Perfil sintético dos adolescentes

CODINOME	SEXO	RAÇA	MORA	ESCOLARIDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	PROFISSÃO	RESIDE
IDADE			COM	DO PAI	DA MÃE	DO PAI	DA MÃE	EM
MENINA DOS CACHOS 15 anos	F	Branca	Pai e Mãe Filha única	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Op. de empilhadeira	Doméstica	Ribeirão das Neves
MAGALI 15 anos	M	Parda	Mãe e três irmãos	E. Fundamental incompleto	Ensino Fundamental	Não sabe	Doméstica	Lagoa/BH
GAMER 14 anos	M	Parda	Mãe e irmã	Não sabe	Ensino Médio	Não sabe	Cabeleireira	Ribeirão das Neves
ASTROFÍSICO 15 anos	M	Branco	Pai e mãe filho único	Ensino médio	Ensino Fundamental	Pedreiro	Copeira	Lagoa/BH
HISTORIADOR 14 anos	M	Branco	Mãe, avó e irmão	E. Fundamental incompleto	Ensino Médio	Assistente Técnico	Agente de saúde	Ribeirão das Neves
INTELLECTUAL 15 anos	F	Branca	Pai, mãe Filha única	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Operador de áudio	Costureira	Lagoa/BH
DELICADA 14 anos	F	Parda	Pai, mãe e irmã	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Topógrafo	Vendedora	Lagoinha/ BH
FAZENDEIRA 14 anos	F	Branca	Pai, mãe e irmã	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Não sabe	Cabeleireira	Ribeirão das Neves

Fonte: Entrevistas e Secretaria

Como dito anteriormente a roda de conversa foi gravada e filmada e posteriormente tudo que foi falado pelos/as jovens e por mim foi transcrito. Neste momento apresentarei uma análise dos dados que foram obtidos a partir da roda de conversa.

Iniciei a roda apresentando-me formalmente e o projeto em desenvolvimento. Contextualizei a formação na pós-graduação e minhas intenções em escutá-los/as. No começo, os/as adolescentes estavam bem apreensivos/as, cabisbaixos/as, então deixei a formalidade e tentei ser o mais informal possível para assim ganhar a confiança deles/as e fazê-los/as se soltarem e se expressarem, já que este era o real motivo para esta intervenção.

Falei das minhas experiências e vivências e então fiz minha primeira pergunta: “*O que vocês pensam sobre o futuro?*” Quando eu os/as questionei, todas as primeiras respostas tiveram relação com o campo profissional e as profissões almeçadas. Foram citadas algumas possibilidades profissionais, entre elas o desejo de ser aeromoça, astronomia, criador de jogos para vídeo games, bióloga, trabalhar com gastronomia, ser geólogo, historiador. Alguns indicaram possibilidades profissionais pouco padronizadas, envolvendo as artes, música, fotografia, desenhos. Interessante perceber que profissões mais tecnológicas que dialogam com as culturas juvenis, estão presentes nos planos dos/as adolescentes, como a possibilidade de ser criador de jogos.

Porém houve um questionamento unânime sobre a não valorização profissional por parte do país. Contudo, os/as adolescentes foram contundentes em dizer que não pensam em desistir de seus planos, mas que tentarão vivê-los em outros países, onde a pesquisa e seus profissionais sejam valorizados.

Os/As adolescentes fazem uma análise crítica do atual contexto da sociedade brasileira, apesar de terem sonhos, de planejarem uma carreira tecnológica, no campo das pesquisas, das artes, muitas vezes eles não veem no Brasil como um espaço para concretizar esses planos. Como o adolescente Gamer disse: “*Tipo... Eu vou ficar estudando aqui no Brasil até conseguir ir pras áreas que eu quero e me formar com alguma coisa que tenha a ver com programação de games. Aí depois eu vou pra fora e vou estudar lá*”. Em diálogo, o adolescente Astrofísico disse: “*Eu tenho interesse em física, química e astronomia. Só que tipo, às vezes eu fico*

desanimado quanto ganha. Quando eu for fazer isso, eu vou ir pra fora, porque o Brasil não valoriza tanto essas áreas...” e continua “Então quando eu começar a estudar isso, ou eu vou para Coréia do Sul ou pro Estados Unidos. Pra qualquer lugar que valorize isso”.

Neste pensamento de morar em outros países, os interpelei para onde e como chegaram a estas conclusões a respeito destes determinados lugares, como sabem que são melhores que aqui. Então, os/as adolescentes foram relatando que pesquisavam na internet, mas também disseram ter conhecimentos pelas próprias aulas dadas pelos/as professores/as. Interessante perceber como a internet é espaço tão presente na vida deles/as, inclusive para essas descobertas. Contudo, ao realizar essa pergunta, algumas aulas foram lembradas, dando significado para os aprendizados em sala de aula.

Os países citados como os mais desejados de morar foram Japão, China, Canadá, Coréia do Sul, Portugal e Maldivas. Os/a adolescentes também falaram a respeito do México, mas lembraram que tiveram maior conhecimento do país depois de uma aula de geografia. Por isso, perderam o interesse, o adolescente Historiador relatou *“Lá tem muita criminalidade, tráfico de drogas”* e os demais adolescentes concretizaram dizendo: *“tudo de ruim”*. Essa situação mostrou que os/as adolescentes têm interesse nas aulas, principalmente quando os conteúdos dialogam com sua curiosidade, desejo, intenções.

Nessa conversa surgiu o assunto de como a criminalidade aumentou e como eles/as se sentem desprotegidos/as, principalmente as meninas no tocante ao sair sozinhas. Nesta abordagem a adolescente Menina dos Cachos disse: *“Não pode nem ir pro supermercado sozinha! Eu não! Eu me sinto muito incomodada, porque esse povo não respeita a gente hoje em dia. A gente anda na rua. Os homens faltam comer a gente com o olho!”*. Então as meninas expressaram que se sentem mais seguras quando saem em grupo e com meninos. A Menina dos Cachos continua *“Cê fica morrendo de medo quando cê tá sozinha. Agora quando cê tá com amigos, cê começa a zuar!”*. Ficou perceptível como há uma desigualdade de gênero nas vivências de meninas e meninos na medida em que elas expressaram que precisam enfrentar o machismo por serem mulheres. Ou seja, temos mais um assunto

importante das condições juvenis que mereceria destaque nas ações educativas da escola com os/as adolescentes.

As reflexões sobre violência, criminalidade e insegurança foram um dos motivos citados por eles/as como desejo para morar fora do país, pois acreditam que “lá fora” terão mais segurança, tanto para eles/as como para suas futuras famílias, mas a maioria disse não querer ir sozinhos/as, querem ir com os pais ou pelo menos com a mãe. Nessa breve reflexão podemos notar a importância da família para os/as adolescentes participantes da roda. A Delicada disse: *“Eu queria ir por Japão, por assim, eu acho um país, além de ser um país lindo, é uma segurança, tipo, praticamente zero de roubo. Zero de coisa assim”*.

No decorrer da conversa foram analisadas outras situações. Os/as adolescentes foram perguntados sobre os projetos de constituírem família, ter filhos. Sobre essa questão o diálogo revelou compreensões sobre mudanças entre uma geração e outra, principalmente as mudanças de projeto de futuro em relação às mulheres. A adolescente Delicada se expressou *“Talvez eu me case com alguém, mas eu não quero ter filho... eu não gosto de criança...”*. Nessa parte do diálogo, as adolescentes mostraram preocupação inicial com a formação profissional. A Fazendeira disse: *“Eu queria ser bióloga”*, enquanto a Intelectual destacou: *“Eu não quero casar. Por enquanto, pelo menos não. Eu não quero ter filho. Eu quero estudar primeiro, pra poder juntar meu dinheiro, e sair pra fora, tipo, ir pra fora, eu quero viajar o mundo”*. Certamente, essas adolescentes expressam desejos e planos diferentes das gerações passadas de mulheres, quando para muitas o futuro significava basicamente casar e ter filhos. Percebo que nesta geração casamento e filhos não são prioridade. As falas mostraram que algumas/alguns nem pensam em casar e outras/os querem “passar longe de crianças”.

Dentre os projetos de futuro dos/as adolescentes, eles/as também disseram sobre alcançar algumas conquistas como: adquirir habilitação para dirigir, comprar imóveis, carro, moto. A adolescente Magali ainda sobre o casamento disse: *“Só que primeiro eu quero me formar, fazer estudos, fazer faculdade. Tudo direitinho. Consegui tudo o que eu quero. Minha casa própria, minhas coisas, tirar minha carteira de carro, de moto...”*. Por um lado, as meninas demonstraram desejo por estabilidade financeira e independência antes do casamento. Houve algumas falas

sobre casamento tradicional na igreja “com véu e grinalda”, mostrando que mesmo com mudanças o romantismo ainda sobrevive nesta geração. Tanto a adolescente Fazendeira quanto a Magali pensam em “*casar com véu e grinalda na praia*”.

Ao longo da roda de conversa, a questão do jogo “baleia azul” apareceu como tema do diálogo. De acordo com publicação da Revista Super Interessante de 04 de julho de 2018, este jogo teve início na Rússia em 2016 e foram associados mais de 100 casos de suicídios no mundo em função dele. Os/as adolescentes declararam na geração mais jovem, alguns/mas seguem tais coisas para chamar atenção, ou que estão em depressão, foi quando uma das adolescentes, a Delicada declarou:

Que nem eu. Eu já tive depressão né? Quando minha mãe ficou internada no hospital, e tal... E eu sei como é ruim, sabe? Mas tem pessoa que usa isso [jogo baleia azul] como se fosse uma brincadeira, tipo: ‘ah ...! Eu to triste, eu não sei o quê, eu vou me matar’. ‘Tô deprimida’, fala na brincadeira, saca? E isso é horrível. Não é coisa de brincar.

Após sua fala, a maioria dos/as adolescentes concordou positivamente com a cabeça, e disseram que não são influenciados por este tipo de “coisa”. Assim, podemos refletir: será que a escola enquanto instituição está atenta para os problemas psíquicos enfrentados pelos/as adolescentes? Como criar espaços e diálogos para ajudá-los/as a passar por algum tipo de sobrecarga emocional, que tantas vezes pode fazer com que até suas notas sejam afetadas?

Dentre os assuntos da roda de conversam, a política também foi tema. Os/as adolescentes que têm entre 14 e 15 anos ainda não estão aptos a votar. Mas, a maioria expressou que “*não pensa em votar*”, com o argumento que não confiam em nossos governantes. A adolescente Magali disse “*É que... Quê que adianta, sei lá, escolher uma pessoa, votar e depois cê vê que é uma pessoa, tipo, afundando mais o Brasil? Não faz nada por aqui. Ai vai lá, vota, depois pergunta porquê votei nele?*”. Por outro lado, eles/as concordaram que votar é uma forma de manter a nossa democracia viva. Mais uma vez podemos questionar em que medida a escola tem sido espaço propício para o debate da democracia, principalmente quando levamos em conta que a organização escolar deveria se pautar por princípios democráticos. Percebi que os/as jovens, os/as adolescentes estão atentos/as à vida política,

eles/as fazem uma reflexão sobre o que está acontecendo no país, apenas estão desacreditados/as nos nossos governantes.

Todos/as concordaram que querem uma profissão que os/as agrade, mas também que possibilite ter uma vida confortável, com condições de aquisição de casa própria, carro e possibilidades de viajar para conhecer novos lugares. A Delicada afirmou:

Eu ainda gosto muito de desenhar, e eu não quero deixar isso pra lá, sabe? Aí eu pretendo ser fotógrafa, ficar numa coisa assim, não dá muito dinheiro, eu não sei, mas assim, dá mais do que ocê mexer com coisa de arte, essas coisas. Aí talvez, assim, quando eu estabilizar, eu quero fazer outra faculdade de artes, assim, de artes visuais. E eu me vejo no futuro, num apartamento cheio de gato.

No decorrer da conversa perguntei se nenhum deles/as pensou em ser professor/a, e a resposta foi unânime que sim. As falas expressaram que principalmente quando eram crianças pensavam nessa profissão, mas argumentaram que deixaram de pensar sobre ela. E aí foi um festival de argumentos para não seguirem a profissão de professor/a. A Menina dos Cachos disse: “Ah... quando eu era criança eu pensava, mas quando eu cresci e vi a verdade eu desisti.” Então eu perguntei: “Que verdade?” e ouvi as falas da Fazendeira: “Do jeito que eles são desrespeitados”, o Astrofísico: “Ninguém respeita”, o Gamer: “Não são respeitados, recebem pouco também, pelo o que eu sei”. Como mediadora da roda, infelizmente eu não tive como argumentar o contrário, apenas expressei que “se não existir professores não existirão as outras profissões”. Apesar disso, eles/as foram bem enfáticos/as que a docência não é uma carreira que pensam em seguir. Considero que os/as adolescentes reconhecem o esforço de seus/suas professores/as em um cenário de desvalorização dos salários.

A roda de conversa revelou que os/as adolescentes pensam sobre o futuro e como pretendem chegar lá, mas também têm consciência de que este futuro não será fácil e que talvez não poderão alcançá-lo do jeito que sonham. O adolescente Gamer disse:

Eu quero ser programador de jogos. Aí tipo... É porque eu gosto muito de jogo. Eu sempre joguei desde pequeno. Eu sempre quis videogame, eu tenho muito interesse neste tipo de coisa. Ah... eu quero ir nesses negócios

de games. Mas eu também, eu não sei se eu... se vier a acontecer, tá bom. Se não acontecer, tá bom também.

Acredito que em alguma medida, os/as adolescentes estão cientes da realidade que os/as cercam, sabem que nem tudo que planejam ou sonham pode vir a acontecer, mas continuam sonhando com este futuro, com suas profissões, com possibilidade de viagens, com seus projetos. A roda de conversa foi um momento fascinante de observá-los/as, ouvi-los/as e conversar com eles/as para compreender este universo adolescente tão peculiar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo no início desse texto apontamos que alguns questionamentos orientaram a pesquisa e o plano de ação. Os/as adolescentes pensam e planejam sobre o futuro? A escola é um espaço de escuta e reflexão sobre os projetos de futuro de estudantes? Em que espaços sociais os/as adolescentes têm a possibilidade de refletirem sobre si mesmos? Como profissional da educação, posso contribuir para potencializar a reflexão e planejamento de adolescentes e estudantes na instituição escolar? Ao final desse trabalho, apresento algumas considerações.

Desde o início deste projeto, a entrada no LASEB e o desafio de desenvolver um trabalho de conclusão de curso, estive interessada em ter um olhar mais focado nos/as adolescentes, porque da minha janela eles/as sempre me chamaram a atenção e me fizeram pensar em muitos questionamentos. O desenvolvimento desta roda de conversa me possibilitou ter acesso a várias informações deste universo adolescente.

Ao fazer essa pesquisa tive uma experiência ímpar, pois ler artigos, textos e livros sobre adolescentes foi uma ação importante. Mas, confesso que o maior impacto foi realizar este plano de ação. Com a roda de conversa tive a oportunidade de uma aproximação imensa e intensa com este mundo tão particular.

Os estudos nas referências teóricas nos mostraram a importância desta fase da vida, com suas mudanças psicológicas, sociais e físicas. É preciso tratar os/as alunos/as como sujeitos que vivem e pensam sobre suas vidas e deixar de lado a ideia de que a adolescência é só uma fase. Acredito que a escola ainda não cumpre com o papel de contribuir que adolescentes reflitam sobre si mesmos/as. Como assistente administrativa educacional me arrisquei a desenvolver uma ação pedagógica com um grupo reduzido de estudantes e essa breve, mas, importante experiência pode ser um primeiro passo para que as/os profissionais da educação levem em conta esses sujeitos no cotidiano escolar e no planejamento de processos educativos mais humanos e democráticos.

ANEXOS

Imagem 1 - Cartaz com o tema do projeto

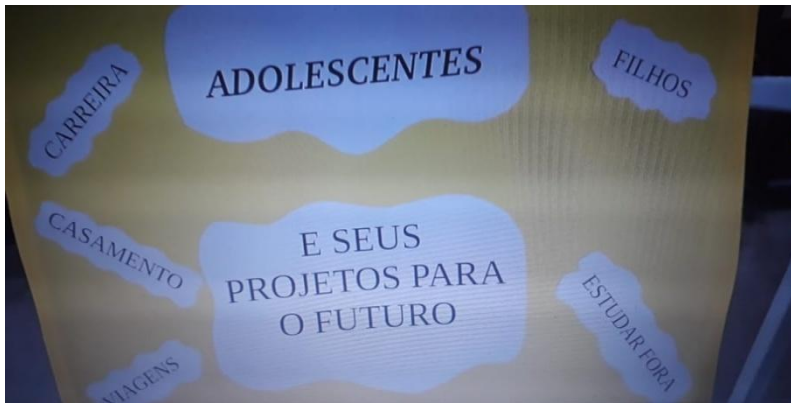


Imagem 2 - Cartaz exposto na sala

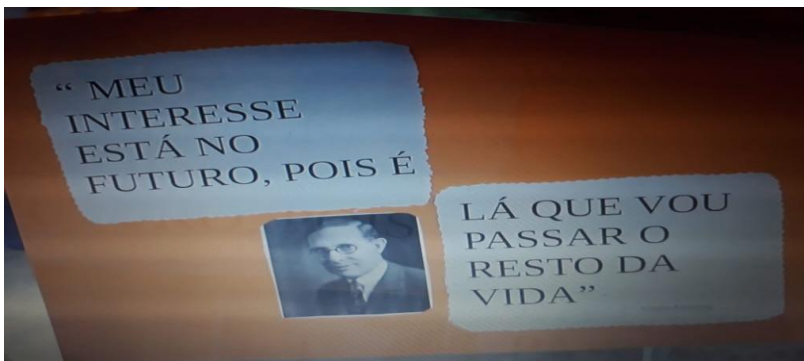


Imagem 3 - Foto dos participantes da roda de conversa



REFERÊNCIAS

ARBOUR, R. **Grupos Focais**. Tradução: Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BLOS, P. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

_____. **Estatuto da Juventude**, Diário Oficial da União, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Brasília, DF.

CORREA, Lycinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIS, Carla Linhares (Orgs). **Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio**. Volume Estratégias metodológicas de trabalho com jovens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/colecao-cadernos-tematicos-juventude-e-projetos-de-futuro/>>. Acesso em 3 mar. 2019.

DADOORIAN D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 84-91, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n1/v23n1a12.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2019.

DAYRELL, J.T. A escola faz juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p.1105-1128, out. 2007.

_____. LEÃO, Geraldo; REIS, Juliana. **Diálogos com o Ensino Médio** (Relatório Final), 2010. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/RELATORIO_FINAL_PESQUISA_1.pdf>. Acesso em 17 mar. 2019.

ERIKSON, E.H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FLICK, Uwe. **Desenho da Pesquisa qualitativa**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GODINHO, R.A; SCHELP, J.R.B; PARADA, C.M.G.L; BERTOCELLO, N.M.F. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Revista latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, abril 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12414>>. Acesso em 7 abr. 2019.

GOMES, Nilma L.; DAYRELL, Juarez T. **A Juventude no Brasil**. Belo Horizonte: [s.n.], 2004. Mimeografado.

JOGO Suicida “Baleia Azul” chega ao Brasil. **Super Interessante** [online]. São Paulo, 13 abril 2017. Mundo Estranho. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/jogo-suicida-baleia-azul-chega-ao-brasil/>>. Aceso em 7 abr. 2019.

LEVINSKY, D. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PANTOJA, ALN. “**Ser alguém na vida**”: Uma análise sócio-antropológica da gravidez / maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. Cad. Saúde Pública. 2003; 19(2):335-43. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/02de/98db6d658c3979456c356ecf521cdf5149e0.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2019.

STEINBERG, L. & MORRIS, A. S. (2001). Adolescent development. **Annual Review of Psychology**, 52, 83-110.

VAN CALSTER, K., LENS, W., & Nuttin, J.R. (1987) Affective attitude toward the personal future: Impact on motivation in high school boys. **American Journal of Psychology**, 100, 1-13.

VELHO, Gilberto. **Projeto metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.